

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Women Who Run With the Wolves: Myths and Stories of the Wild Women Archetype
Copyright © 1992, 1995 by Clarissa Pinkola Estés, Ph.D.

Este livro inclui textos originais da Dra. Estés, as suas histórias literárias, autobiográficas e líricas, conceitos, poemas e comentários. Todos os direitos, incluindo a representação teatral e interpretativa, declamação, adaptação musical, gravação áudio, ilustração, teatro, cinema, tradução, reprodução e direitos eletrónicos, são reservados.

Todos os direitos são reservados de acordo com as convenções internacionais e pan-americanos de direitos de autor. Nenhuma parte deste livro pode ser usada, reproduzida, extraída ou adaptada, a partir de qualquer forma sem a autorização escrita da autora ou dos seus representantes legais. Todos os direitos, tanto atuais como futuros, são reservados e permanecem propriedade da autora; incluindo a reprodução eletrónica e digital bem como os direitos na *web*, tais como *downloads* da *Internet*.

Título original: *Women Who Run With the Wolves: Myths and Stories of the Wild Women Archetype*

Título: *Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*

Autora: Clarissa Pinkola Estés

Tradução: Luzia Almeida

Revisão: Isabel Garcia

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: Marina Costa / Marcador Editora

Imagens de capa: © Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-145-2

Depósito legal: 404 259/16

1.^a edição: fevereiro de 2016

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO: CANTANDO SOBRE OS OSSOS	13
1. O UIVO: RESSURREIÇÃO DA MULHER SELVAGEM	37
· <i>La Loba</i> , A Mulher Lobo	39
· Os Quatro Rabinos	44
2. PERSEGUIÇÃO AO INTRUSO: O COMEÇO DA INICIAÇÃO	53
· <i>O Barba Azul</i>	53
O Predador Natural da Psique	59
Mulheres Ingénuas como Presas	61
A Chave do Conhecimento: A Importância do Farejar	66
O Noivo Animal	68
Cheiro de Sangue	70
Recuar e Dar a Volta	75
O Grito da Libertação	77
Os Devoradores de Pecados	79
O Homem no Escuro nos Sonhos das Mulheres	83
3. FAREJAR OS FACTOS:	
A RECUPERAÇÃO DA INTUIÇÃO ENQUANTO INICIAÇÃO	93
· A Boneca no Bolso: <i>Vassilissa, a Sábia</i>	93
A Primeira Tarefa: Deixar Morrer a Mãe Boa-de-Mais	101
A Segunda Tarefa: Desmascarar a Sombra Primitiva	105

A Terceira Tarefa: Navegar no Escuro	108
A Quarta Tarefa: Enfrentar a Bruxa Selvagem	112
A Quinta Tarefa: Servir o Não-Racional	116
A Sexta Tarefa: Separar Isto Daquilo	121
A Sétima Tarefa: Questionando os Mistérios	123
A Oitava Tarefa: Andar de Gatas	127
A Nona Tarefa: Reformulando a Sombra	130
4. O COMPANHEIRO: UNIÃO COM O OUTRO	139
· Hino ao Homem Selvagem: <i>Manawee</i>	140
A Natureza Dual da Mulher	142
O Poder do Dois	143
O Poder do Nome	146
A Natureza Obstínada do Cão	148
Desejos de Sedução Furtivos	149
Conseguir Ser Feroz	152
A Mulher Interior	153
5. CAÇAR: QUANDO O CORAÇÃO É UM CAÇADOR SOLITÁRIO	157
· <i>A Mulher Esqueleto</i> : Enfrentar a Natureza de Vida/Morte/Vida do Amor	157
Morte na Casa do Amor	162
As Primeiras Fases do Amor	165
A Descoberta Acidental do Tesouro	165
Caça e Esconde	171
Desenredar o Esqueleto	175
O Sono da Confiança	181
A Dádiva da Lágrima	185
As Fases Mais Tardias do Amor	189
O Coração que Canta	189
A Dança do Corpo e da Alma	192
6. ENCONTRAR O NOSSO GRUPO: FAZER PARTE É UMA BÊNÇÃO ..	199
· <i>O Patinho Feio</i>	200
O Exílio do Filho Diferente	206
Tipos de Mães	208
A Mãe Ambivalente	208
A Mãe Que Desmorona	210
A Mãe Criança ou a Mãe Órfã de Mãe	213
Mãe Forte, Criança Forte	215
Más Companhias	217
O Que Não Parece Correto	218
Sentimentos Congelados, Criatividade Congelada	219

O Forasteiro de Passagem	220
A Vantagem do Exílio	221
Os Gatos de Pelo Eriçado e as Galinhas Vesgas do Mundo	222
As Lembranças e a Constância, Haja o Que Houver	224
Amor para a Alma	226
· <i>O Zigoto Errado</i>	228
7. CORPO JUBILOSO: A CARNE SELVAGEM	237
A Linguagem Corporal	239
O Corpo nos Contos Populares	243
O Poder das Ancas	246
<i>La Mariposa</i> , a Mulher Borboleta	247
8. AUTOPRESERVAÇÃO: IDENTIFICAR ARMADILHAS, JAULAS E COMIDA ENVENENADA	255
A Mulher Feroz	255
· <i>Os Sapatos Vermelhos</i>	257
Perda Brutal nos Contos Populares	261
Os Sapatos Vermelhos Feitos à Mão	263
As Armadilhas	266
Armadilha N.º1: A Carruagem Dourada	266
Armadilha N.º 2: A Velha Ressequida, a Força Senescente	268
Armadilha N.º 3: Queima do Tesouro	271
Armadilha N.º 4: Danos no Instinto Básico	275
Armadilha N.º 5: Tentando Dissimular uma Vida Secreta	278
Armadilha N.º 6: Curvar-se Ante o Coletivo	285
Armadilha N.º 7: O Fingimento, a Tentativa de ser Boazinha	288
Armadilha N.º 8: A Dança Descontrolada, a Obsessão e o Vício	293
Vício	295
Na Casa do Carrasco	298
O Regresso a Uma Vida Feita à Mão, a Cura dos Instintos Feridos	299
9. O REGRESSO AO LAR: REENCONTRAR-SE CONSIGO MESMA	303
· <i>Pele de Foca, Pele de Alma</i>	305
Perda do Sentido da Alma como Iniciação	310
A Perda da Pele	312
O Homem Solitário	318
O Filho Espiritual	321
Enfraquecimento e Incapacitação	323
Ouvindo o Chamamento do Ancião	326
Ficar Tempo Demais	329
Abrir Caminhos, Mergulhar	335

A Mulher Medial: Respirar Debaxo de Água	340
Vir à Tona	342
A Prática da Solidão Deliberada	345
A Ecologia Inata das Mulheres	349
10. ÁGUAS CLARAS: ALIMENTAR A VIDA CRIATIVA	351
· <i>La Llorona</i>	355
A Poluição da Alma Selvagem	357
O Envenenamento do Rio	359
Incêndio no Rio	361
O Homem do Rio	365
Reconquistando o Rio	372
A Concentração e a Fábrica das Fantasias	375
· <i>A Menina dos Fósforos</i>	376
Evitar a Fantasia Criativa	377
A Renovação do Fogo Criador	384
· <i>Os Três Cabelos de Ouro</i>	385
11. CALOR: RECUPERAÇÃO DA SEXUALIDADE SAGRADA	393
· <i>As Deusas Sujas</i>	393
Baubo: A Deusa do Ventre	396
Coyote Dick	400
Uma Viagem ao Ruanda	403
12. DEMARCAR TERRITÓRIO:	
OS LIMITES DA RAIVA E DO PERDÃO	407
· <i>O Urso da Lua Crescente</i>	407
O Que se Aprende com a Raiva	412
Deixar Entrar a Curandeira: A Subida da Montanha	415
O Espírito do Urso	419
O Fogo Transformador e a Ação Acertada	421
A Raiva Justa	423
· <i>As Árvores Ressequidas</i>	424
Descansos	427
A Raiva e o Instinto Ferido	430
A Raiva Coletiva	431
Afundar-se numa Raiva Antiga	431
Os Quatro Estágios do Perdão	434
13. MARCAS DE BATALHA: PERTENCER AO CLÃ DAS CICATRIZES ...	439
Segredos Assassinos	440
A Zona Morta	443

· <i>A Mulher dos Cabelos Dourados</i>	444
O Manto Expiatório	452
14. A SELVA SUBTERRÂNEA: INICIAÇÃO À RESISTÊNCIA	455
· <i>A Menina Sem Mãos</i>	455
O Primeiro Estágio: O Acordo Feito Sem Saber	463
O Segundo Estágio: O Desmembramento	471
O Terceiro Estágio: Perambular	482
O Quarto Estágio: A Descoberta do Amor no Mundo Subterrâneo	489
O Quinto Estágio: A Angústia da Alma	503
O Sexto Estágio: O Reino da Mulher Selvagem	521
O Sétimo Estágio: O Noivo e a Noiva Selvagens	528
15. ANDAR COMO UMA SOMBRA:	
CANTO HONDO, A CANÇÃO PROFUNDA	535
16. A PESTANA DO LOBO	543
CONCLUSÃO: OS CONTO POPULARES ENQUANTO PALIATIVOS	549
NOTAS	559
A EDUCAÇÃO DE UMA JOVEM LOBA: BIBLIOGRAFIA	591
AGRADECIMENTOS	603

PREFÁCIO

Todas nós temos anseio pelo que é selvagem. Existem poucos antídotos aceites pela nossa cultura para esse desejo ardente. Ensinaram-nos a ter vergonha desse tipo de aspiração. Deixamos crescer o cabelo e usamo-lo para esconder os nossos sentimentos. No entanto, o espectro da Mulher Selvagem ainda nos espreita de dia e de noite. Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós tem decididamente quatro patas.

CLARISSA PINLKOLA ESTÉS, Cheyenne Wyoming

INTRODUÇÃO

CANTANDO SOBRE OS OSSOS

A vida selvagem e a Mulher Selvagem são espécies em vias de extinção.

No decorrer dos tempos, fomos observando sucessivamente a aniquilação, regressão e destruição da natureza instintiva feminina. Durante longos períodos, esta natureza instintiva foi mal gerida, tal como o foram a vida selvagem e as florestas virgens. Basta olharmos para trás para vermos que foi, durante milhares de anos, relegada aos territórios mais inóspitos da psique. Ao longo de toda a história, os territórios espirituais da Mulher Selvagem foram condenados ou consumidos, os seus refúgios arrasados e os ciclos naturais forçados a ritmos contranatura para agradar aos outros.

Não é por acaso que a natureza intocada do nosso planeta desaparece à medida que se atenua a percepção da nossa natureza selvagem interior. Não é muito difícil compreender a razão pela qual as antigas florestas e as antigas mulheres são vistas como recursos sem grande importância. Não é um mistério por aí além. Não é por acaso que lobos e coiotes, ursos e mulheres selvagens têm reputações similares. Todos eles partilham arquétipos instintivos interrelacionados e, como tal, têm erroneamente a fama de serem impiedosos, absoluta e inatamente perigosos e insaciáveis.

A minha vida e o meu trabalho como psicanalista junguiana, poetisa e *cantadora*, guardiã das velhas histórias, ensinaram-me que a debilitada vitalidade das mulheres pode ser restaurada através de uma extensiva

busca «psíquico-arqueológica» do que resta do submundo feminino. Estes métodos permitem-nos abrir caminhos para a psique instintiva natural e, através da sua personificação no arquétipo da Mulher Selvagem é-nos possível distinguir caminhos e meios na natureza mais íntima da mulher. A mulher moderna corresponde a um furacão em atividade. Vê-se coagida a agradar em tudo e a toda a gente. Há muito tempo que se deixou de adotar o conhecimento secular.

O título deste livro, *Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem*, deriva do meu estudo da biologia dos animais selvagens, sobretudo dos lobos. Os estudos dos lobos *Canis lupus* e *Canis rufus* revelaram-se como a história das mulheres no que concerne tanto à sua sagacidade, quanto às suas tarefas.

Lobos saudáveis e mulheres saudáveis partilham determinadas características psíquicas: sentido apurado, espírito divertido e elevada capacidade de afeição. Lobos e mulheres são seres relacionais por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e energia. São fortemente intuitivos, profundamente preocupados com as crias, com os companheiros e com a família. São peritos em adaptarem-se a circunstâncias de mutação constante; são ferozmente leais e de uma coragem extrema. Ainda assim, ambos foram perseguidos, maltratados e falsamente acusados de voracidade, insídia, e de serem extremamente agressivos e claramente inferiores aos seus detratores. Foram alvo dos que não só quiseram limpar as regiões selvagens, mas também os territórios indomados da psique, aniquilando as componentes instintivas, sem delas deixar qualquer rasto. A prática predatória exercida sobre lobos e mulheres, por parte de quem os interpreta erroneamente, é impressionantemente similar.

Portanto, para mim, foi no estudo dos lobos que o conceito do arquétipo da Mulher Selvagem se materializou inicialmente. Estudei também outras criaturas, nomeadamente ursos, elefantes e pássaros-da-alma, as borboletas. As características de cada espécie oferecem várias pistas metafóricas relativamente ao que se conhece da psique instintiva feminina.

A natureza selvagem cruzou o meu espírito por duas vezes, a primeira aquando do meu nascimento, sendo eu de ascendência passional hispano-mexicana, e a segunda, ao ser adotada por uma família de húngaros de temperamento impetuoso. Fui criada perto da fronteira do Michigan, uma região abundante em bosques, pomares e terras de cultivo, perto dos Grandes Lagos. Aí, os relâmpagos e os trovões eram o meu grande alimento. Os milheirais restolhavam noite fora, numa conversa

em voz alta. Mais para norte, os lobos desciam às clareiras em noites de lua cheia, como que saltitando em preces. Todos nós podíamos beber dos mesmos riachos sem nada recear.

Embora nessa época não a designasse por esse nome, o meu amor pela Mulher Selvagem começou ainda quando era criança. Mais esteta do que atleta, o meu único desejo era tornar-me viajante extasiada. Mais do que cadeiras e mesas, preferia chão, árvores e grutas porque, nesses locais, sentia que me encostava à face de Deus.

O rio pedia *sempre* uma visita ao escurecer, os campos *precisavam* de ser pisados para que pudessem manter a sua conversa restolhada. Era *preciso* acender fogueiras nas florestas e contar histórias longe dos ouvidos de adultos.

Tive a sorte de crescer no meio da Natureza. Aí, o relampejar fez-me entender a morte súbita e a evanescência da vida. As ninhadas de ratos ensinaram-me que a morte se suavizava com novas vidas. Quando desenterrei «missangas índias», fósseis da argila, apercebi-me da presença de seres humanos desde tempos remotos, e tomei conhecimento da arte sagrada do adorno pessoal através das borboletas-monarca poaisadas no cimo da minha cabeça, dos pirilampos, quais joias noturnas, e das rãs verde-esmeralda como pulseiras.

Uma loba mãe matou, ela mesma, um dos seus filhotes que estava mortalmente ferido. Isto ensinou-me a dura compaixão e a necessidade da aceitação da morte dos moribundos. As lagartas peludas que caem dos ramos e voltam a subir rastejando em esforço, ensinaram-me o poder da determinação. As cócegas do seu deslizar pelo meu braço ensinaram-me como se pode sentir a pele bem viva. Subir ao cimo das árvores ensinou-me a sensação que me traria, um dia mais tarde, o ato sexual.

A geração pós-Segunda Guerra Mundial, na qual me incluo, foi educada num período em que as mulheres eram infantilizadas e tratadas como propriedade privada. Mantidas como jardins em pousio... ainda que, felizmente, o vento trouxesse sempre consigo algumas sementes selvagens. Embora o que escrevessem não fosse autorizado, as mulheres seguiam em frente, brilhantemente. Embora o que pintassem não fosse reconhecido, não deixava de ser um alimento para a alma. As mulheres viam-se obrigadas a mendigar os instrumentos e espaços necessários ao desenvolvimento das suas artes e, se nada conseguissem, inventavam espaços em árvores, grutas, bosques e, até, roupeiros nas suas casas.

Dançar era dificilmente tolerado, ou nem chegava a sê-lo, por isso dançavam na floresta, onde ninguém as podia ver, ou na cave da casa,

ou no caminho que levava ao caixote do lixo. O adorno pessoal causava desconfiança. Um corpo ou uma roupa atraentes aumentavam o risco de abuso ou violência sexual. Até as roupas que se usavam não podiam ser consideradas um bem próprio.

Era um tempo em que apenas se chamavam «rigorosos» aos pais que maltratavam os seus filhos, um tempo em que as feridas espirituais de mulheres profundamente exploradas eram denominadas de «ataques de nervos», um tempo em que as raparigas e as mulheres firmemente espartilhadas, controladas e reprimidas eram chamadas de «boas» e aquelas que escapavam às rédeas, uma ou outra vez na vida, eram classificadas de «más».

Tal como muitas mulheres antes e depois de mim, vivi a minha vida como criatura disfarçada. Tal como o haviam feito as minhas amigas e familiares antes de mim, pavoneei-me, cambaleei em sapatos de salto alto e usei vestidos e chapéu na igreja. Mas a minha fabulosa cauda assomava muitas vezes abaixo da bainha da saia e as minhas orelhas movimentavam-se fazendo o chapéu cair pela cara abaixo, por vezes mesmo voando pela sala.

Não esqueci a canção daqueles anos negros, *hambre del alma*, a canção de uma alma esfaimada. Nem tão pouco esqueci o alegre canto *bondo*, a canção profunda cujas palavras evocamos quando nos dedicamos à tarefa da regeneração da alma.

Tal como um caminho no meio da floresta se vai tornando cada vez mais indistinto até, finalmente, diminuir a um ponto em que deixa de se ver, também a teoria psicológica tradicional se vai esgotando rapidamente quando se trata de analisar a mulher profunda, dotada, criativa. A psicologia tradicional mostra-se muitas vezes escassa, para não dizer absolutamente silenciosa, no que se refere aos assuntos mais profundos e importantes para as mulheres: arquétipo, conhecimento intuitivo, temas sexuais e cíclicos, idades das mulheres, comportamento e conhecimento femininos, a sua chama criativa. Tudo aquilo que, durante duas décadas, impulsionou o meu trabalho sobre o arquétipo da Mulher Selvagem.

As questões da alma feminina não podem ser tratadas formatando a mulher de uma forma mais aceitável, como definido por uma cultura que a desconhece, nem se pode moldá-la a uma forma intelectualmente melhor aceite por parte daqueles que clamam ser os únicos detentores

desse conhecimento. Não. Isso foi o que já levou milhões de mulheres que nasceram fortes e com energia natural a tornarem-se estranhas dentro das suas próprias culturas. Ao invés, deve ter-se como objetivo a recuperação e a proteção das formas psíquicas naturais e magníficas das mulheres.

Contos de fadas, lendas e histórias proporcionam interpretações que tornam os nossos pontos de vista mais apurados, permitindo-nos escolher e retomar o caminho deixado pela natureza selvagem. O ensinamento que podemos colher na história assegura-nos que o caminho não se esgotou, pelo contrário, conduz as mulheres às profundezas, a um conhecimento ainda mais intenso de si mesmas. Os caminhos que todas nós seguimos são os que levam ao nosso Eu selvagem, inato, instintivo.

Chamo-a de Mulher Selvagem porque essas palavras, *Selvagem e Mulher*, são as que desencadeiam o *llamar o tocar a la puerta*, como num conto de fadas, a batida à porta da profunda psique feminina. *Llamar o tocar a la puerta* significa literalmente tocar o instrumento do nome para, assim, abrir uma porta. Significa usar palavras que abram, como que por magia, a porta de uma passagem secreta. Não importa a cultura a que a mulher pertença, ela compreenderá intuitivamente as palavras *selvagem e mulher*.

Quando as mulheres escutam aquelas palavras, são despertadas e ressuscitadas memórias ancestrais. A memória é o nosso parentesco absoluto, inegável e irrevogável com o feminino selvagem, uma relação que se pode ter tornado fantasmagórica por negligência, aniquilada por sobredomesticação, banida pela cultura envolvente ou, muito simplesmente, por se ter tornado incompreensível. Podemos ter esquecido os nomes que lhe deram, podemos não responder quando chama pelos nossos nomes mas, nos nossos ossos, temos o seu nome gravado, ansiamos por ela, sabemos que lhe pertencemos, que ela nos pertence.

Nascemos exatamente desta relação essencial, elementar e fundamental, da qual derivamos na nossa essência. O arquétipo da Mulher Selvagem envolve o ser matrilinear alfa. Há alturas em que a vivenciamos, ainda que apenas fugazmente, o que nos vai enlouquecer com vontade de continuar. Há mulheres para quem este estimulante «saborar do selvagem» se dá na altura de uma gravidez, quando amamenta o seu filho, no decorrer do milagre da mudança que se produz em si mesma quando cria um filho, ou quando se dedica a uma relação amorosa com a mesma perfeição com que cuidaria de um jardim muito amado.

A sensação de mulher selvagem ocorre também através da visão, através de cenas de beleza ímpar. Tive essa sensação quando presenciei aquilo a que chamamos, nos bosques, um pôr do Sol de «Deus Jesus». Senti a sua presença em mim ao olhar os pescadores vindos do lago ao escurecer, com lanternas acesas, e também quando olhei os dedinhos dos pés do meu bebê recém-nascido perfeitamente alinhados como se fossem uma fila de milho-doce. Vêmo-la quando a vemos, ou seja, em todo o lado.

Chega-nos também através do som; através da música que faz vibrar o peito, comove o coração. Chega-nos através do tambor, do assobio, da chamada e do grito, da palavra escrita e da palavra falada. Por vezes uma palavra, uma frase, uma poesia, uma história, pode ser tão evocativa, tão acertada, que nos faz recordar, por um instante que seja, qual a matéria de que realmente somos feitas, e onde encontramos a nossa verdadeira casa.

Estes efémeros «saboreares do selvagem» são perceptíveis no decorrer do misticismo da inspiração — Ah, cá está ela; oh, agora já partiu. O desejo que dela se tem chega quando nos cruzamos com alguém que alcançou esta relação selvagem. Esse desejo chega quando nos apercebemos que dedicamos muito pouco tempo à fogueira mística ou ao sonho, muito pouco tempo à própria vida criativa, ao trabalho de uma vida, aos amores verdadeiros.

São, no entanto, estes saboreares fugazes que ocorrem quer através da beleza, quer através da perda, que fazem com que nos tornemos de tal modo despojadas, agitadas e ansiosas, que fazem com que acabemos por ir no encalço da natureza selvagem. Saltamos então para a floresta, ou para o deserto, ou para campos cobertos de neve e corremos desenfreadas, perscrutamos o solo com os nossos olhos, afinamos os ouvidos, procuramos aqui, procuramos além, uma pista, um vestígio, um sinal da sua existência, de que ainda não perdemos a nossa oportunidade. E, uma vez encontrada a sua trilha, é natural que as mulheres se despachem a envolver-se, que deixem os seus trabalhos, a sua relação amorosa, repensem a sua vida, virem a página, insistam numa pausa, quebrem as regras, parem o mundo, porque se recusarão a prosseguir a vida sem ela.

Quando as mulheres que perderam a sua natureza selvagem voltaram a recuperá-la, darão tudo por tudo para a conservar para todo o sempre. Uma vez recuperada, lutarão arduamente para a manter pois é com ela que floresce a criatividade de todos os aspectos das suas vidas;

os seus relacionamentos ganham significado, profundidade e sanidade; os seus ciclos de sexualidade, criatividade, trabalho e divertimento são restabelecidos; deixam de ser alvo de práticas predatórias de outrém; passam a usufruir dos mesmos direitos, agora de acordo com as leis da natureza, para crescer e prosperar. Agora o seu cansaço de final do dia está ligado a um trabalho e a um empenho compensadores e não ao facto de terem estado confinadas a mentalidades, trabalhos e relações pouco satisfatórios. Elas sabem instintivamente quando é que as coisas têm de morrer e quando devem viver; sabem como partir, sabem como ficar.

Quando as mulheres reafirmam a sua relação com a natureza selvagem, como que adquirem um «vigilante» permanente e interior, um dom da sabedoria, uma capacidade visionária, vaticinadora, inspiradora, intuitiva, um dom de fazer, criar, inventar, ouvir, coisas que guiam, sugerem e tornam premente uma vida vibrante nos seus mundos interior e exterior. Quando as mulheres se aproximam desta natureza, esta relação resplandece de todo o seu ser. Esta mestre selvagem, mãe selvagem, mentora selvagem sustenta as suas vidas interior e exterior, haja o que houver.

Assim, neste contexto, a palavra selvagem não é utilizada no seu sentido pejorativo moderno de fora de controlo, mas sim no seu sentido original que significa viver uma vida natural, uma vida na qual a *criatura* está imbuída de uma integridade inata e limites saudáveis. Estas palavras, *selvagem* e *mulher*, levam a que as mulheres se lembrem de quem são e do que são capazes. Criam uma metáfora que descreve a força que sustenta todo o universo feminino. Personificam a força sem a qual as mulheres não podem viver.

O arquétipo da Mulher Selvagem pode ser expresso por outros termos igualmente pertinentes. Esta poderosa natureza psicológica pode designar-se por natureza instintiva, ainda que a Mulher Selvagem corresponda à força subjacente a essa natureza instintiva. Pode designar-se por psique natural, mas o arquétipo da Mulher Selvagem está, mais uma vez, subjacente a essa psique. Pode designar-se por natureza inata, básica da mulher. Pode designar-se pela natureza intrínseca inata da mulher. Em poesia pode designar-se pela «Outra», ou os «sete oceanos do universo», ou os «bosques longínquos» ou a «Amiga»¹. Em diferentes correntes da psicologia, e sob várias perspetivas, talvez pudesse ser designada por *id*, identidade, o Eu, a natureza medial. Em biologia poder-se-ia designar por natureza fundamental ou típica.

Contudo, uma vez que é tácita, presciente e visceral, entre as *cantadoras* é chamada de natureza sábia ou inteligente. Por vezes é designada por «mulher que vive no fim do tempo» ou «mulher que vive no limiar do mundo». E esta *criatura* é sempre uma feiticeira, ou uma deusa da morte, ou uma virgem decadente, ou diversas outras personificações. Pode também ser amiga e mãe para todas aquelas que se afastaram dos seus objetivos, para todas quantas precisem de aprender, para quantas tenham um problema para resolver, todas as mulheres que vagueiam e procuram em caminhos desertos ou no meio de florestas. De facto, no inconsciente psicoide — uma infável camada da psique a partir da qual o fenómeno emana — à Mulher Selvagem não é dado nome, de tão imensa que é. Contudo, uma vez que esta força gera todas as facetas importantes da feminilidade, aqui, na Terra, dão-lhe muitos nomes, não apenas de modo a poder perscrutar a miríade de aspectos da sua natureza, mas também para que se agarrem a ela. Uma vez que no início da recuperação da nossa relação, esta se pode esfumar rapidamente, dar-lhe um nome pode fazer com que se crie um lugar comum de pensamento e sentimento no nosso íntimo. Nessa altura, ela virá e, se for valorizada, permanecerá.

Assim, em espanhol chamo-a de *Río Abajo Río*, o rio sob o rio, *La Mujer Grande*, a grande mulher, *Luz del Abismo*, luz do abismo, *La Loba*, a mulher-loba, ou *La Huesera*, a mulher dos ossos.

Em húngaro é conhecida por *Ö Erdöben*, a Mulher dos Bosques, e *Rozsomák*, a fêmea do carcaju. Em navajo, ela é *Na'ashjé'ii Asdzáá*, a Mulher Aranha que tece o destino dos humanos e animais, plantas e rochedos. Na Guatemala, entre muitos outros nomes, é designada por *Humana del Niebla*, o Ser do Nevoeiro, a mulher que vive desde sempre e para sempre. Em japonês é *Amaterasu Omikami*, Numina, a presença divina que traz toda a luz, toda a consciência. No Tibete, chamam-lhe *Dakini*, a força dançante que traz clarividência às mulheres. E assim por diante. Ela vai em frente.

O entendimento da natureza desta Mulher Selvagem não é uma religião mas sim uma prática. É uma psicologia no seu sentido mais verdadeiro: *psukhépsych*, alma; *ology* ou *logos*, conhecimento da alma. Sem ela, as mulheres ficam sem ouvidos para escutar as conversas da alma ou sequer registar o soar dos seus próprios ritmos internos. Sem ela, os olhos internos da mulher são fechados por uma sombria mão, e partes consideráveis dos seus dias são passadas num marasmo paralisante ou

então em pensamentos ilusórios. Sem ela, as mulheres perdem a firmeza do equilíbrio espiritual. Sem ela, esquecem o que fazem aqui, agarraram-se quando seria melhor soltarem-se. Sem ela, entregam-se de mais, ou de menos, ou não se entregam de forma alguma. Sem ela, remetem-se ao silêncio, quando de facto estão exaltadas. A Mulher Selvagem é o regulador das mulheres, o seu coração emotivo, à semelhança do coração humano, regulador do corpo físico.

Quando perdemos o contacto com a psique instintiva vivemos num estado de semidestruição e as imagens e energias próprias da natureza feminina não se conseguem desenvolver na sua plenitude. Quando uma mulher é afastada da sua fonte básica, ela é «higienizada», perdendo-se os seus instintos e os ciclos naturais de vida, subordinados à cultura ou ao intelecto ou ego — dela própria, ou dos outros.

A Mulher Selvagem corresponde à parte saudável de todas as mulheres. Sem ela, a psicologia feminina deixa de fazer sentido. Esta mulher selvagem é a mulher prototípica... independentemente da cultura, da época em que viva ou da política que siga, ela não muda. Os seus ciclos mudam, as suas representações simbólicas mudam, mas, na essência, *ela* não muda. Ela é o que é, e é um ser inteiro.

Ela estabelece ligações através das mulheres. Se as mulheres estão reprimidas, ela luta para as puxar para cima. Se são livres, ela é livre. Felizmente, não importa quantas vezes é pisada. Outras tantas se levantará. Não importa quantas vezes a proibam, a subjuguem, a reprimam, a enfraqueçam, a torturem, quantas vezes a façam passar por insegura, perigosa, louca e outros impropérios, ela volta a emergir nas mulheres, de tal modo que até a mulher mais calma, ou a mais contida, a manterá num lugar secreto de si mesma. Até a mulher mais reprimida tem uma vida secreta, com pensamentos e sentimentos secretos, exuberantes e selvagens, ou seja, naturais. Mesmo a mulher mais agrilhoada conserva o lugar do seu eu selvagem porque ela sabe, intuitivamente, que um dia haverá uma escapatória, uma abertura, uma oportunidade em que ela aproveitará para fugir.

Acredito que todas as mulheres e homens nascem com determinados dons. Contudo, pouco tem sido verdadeiramente feito no que toca a descrever vidas e hábitos psicológicos de mulheres dotadas, talentosas e criativas. Já ao invés, muito se tem escrito sobre as fraquezas e idiosincrasias dos humanos em geral, e das mulheres em particular. No caso do arquétipo da Mulher Selvagem, de modo a compreendê-la, apreendê-la e aproveitar o que ela tem para nos oferecer, devemos focar-nos

mais nos pensamentos, sentimentos e esforços que fortalecem as mulheres, tendo adequadamente em conta os fatores interiores e culturais que as debilitam.

Na generalidade, se entendermos a natureza selvagem como uma entidade de direito próprio, uma entidade que motiva e informa a vida mais profunda de uma mulher, então, podemos começar a desenvolver-nos de forma nunca antes julgada possível. Uma psicologia que passa ao lado deste ser espiritual inato que está no centro da psicologia feminina não serve de nada às mulheres, nem servirá tão pouco às suas filhas, nem às filhas das suas filhas, e assim sucessivamente numa linha matrilinear futura.

Assim, para poder aplicar um bom remédio às partes enfraquecidas da psique selvagem, para acertar a relação ao arquétipo da Mulher Selvagem, têm que se identificar corretamente os transtornos da psique. Enquanto na prática clínica dispomos de um bom manual de diagnóstico e uma quantidade considerável de diagnósticos diferenciais, bem como parâmetros psicanalíticos que definem a psicopatia através da organização (ou da falta dela) da psique objetiva e do eixo do *Ego-Self*², há outros comportamentos e sentimentos decisivos, os quais, com base no quadro de referências de uma mulher, descrevem o problema convincentemente. Quais são alguns dos sintomas fortemente emocionais de uma relação com a força selvagem da psique? Sentir, pensar ou agir sistematicamente segundo qualquer uma das formas que se descrevem a seguir corresponde a ter rompido parcialmente ou perdido inteiramente a relação com a psique instintiva profunda. Utilizando uma linguagem exclusivamente feminina, tais sintomas são: sentir-se extremamente mal-humorada, cansada, combalida, deprimida, confusa, sufocada, amordaçada, desinteressada. Sentir-se assustada, sem vontade própria ou fraca, desinspirada, desanimada, apagada, insignificante, envergonhada, sistematicamente irritada, inconstante, constrangida, sem capacidade criativa, oprimida, enlouquecida.

Sentir-se impotente, sistematicamente indecisa, bloqueada, incapaz de seguir o seu caminho, cedendo a sua própria vida criativa aos outros, fazendo escolhas de parceiros, amigos ou profissionais que lhe sugam a vida, sofrendo para viver à margem dos seus ciclos intrínsecos, superprotetora de si mesma, apática, problemática, hesitante, incapaz de seguir pelos seus próprios passos ou de impor limites.

Não se empenhar em seguir os seus próprios ritmos, sentir-se coagida, afastada do seu deus, ou deuses, desligar-se da sua própria revivificação, deixar-se envolver excessivamente numa vida caseira, na sua

própria intelectualidade, profissão, ou até inércia, tudo isto por serem situações seguras para quem perdeu os seus instintos.

Temer aventurar-se ou dar-se a conhecer, recear procurar orientador, mãe ou pai, ter medo de apresentar um trabalho em esboço, antes de atingir a perfeição da obra feita, temer empreender uma viagem, dedicar-se a uma pessoa, ou aos outros, recear seguir em frente, fugir, ou desmorronar-se, rebaixar-se ante a autoridade, perder a energia quando confrontada com projetos criativos, sentir-se envergonhada, humilhada, angustiada, apática, ansiosa.

Ter medo de ripostar quando já não se vislumbra alternativa, medo de encarar a novidade, de se defender, de opinar, de criticar. Ter enjoos, frio na barriga, acidez gástrica, sentir-se dividida, estrangulada, mostrar-se excessivamente conciliadora ou simpática, ou vingativa.

Ter medo de parar, medo de agir, contar repetidamente até três e nunca começar, ter complexo de superioridade, ambivalência e, não fosse por tudo isso, ser absolutamente capaz, perfeitamente apta a desempenhar funções em pleno. Estas ruturas não são uma simples doença de uma época ou de um século, mais do que isso, transformam-se em epidemia onde e quando as mulheres são aprisionadas, sempre que a natureza selvagem se viu agrilhoada.

Uma mulher selvagem tem muito de parecido com um lobo: é robusta, plena, tem uma sólida força vital, é cheia de vida, consciente do seu território, inventiva, leal, caminhante. Entretanto, a separação da natureza selvagem leva a que a personalidade da mulher se torne escassa, curta, fantasmagórica, espectral. Não fomos feitas para sermos criaturas delicadas, de cabelos fracos e incapazes de saltar, incapazes de caçar, dar à luz e gerar vida. Quando as vidas das mulheres estagnam, ou quando tudo é um tédio, é altura da mulher selvagem despontar; é altura da função criadora da psique inundar o delta.

De que forma a Mulher Selvagem afeta as mulheres? Tomando-a por aliada, líder, modelo e mestre, passamos a ver, não através de dois olhos, mas através dos múltiplos olhos da intuição. Quando fazemos valer a nossa intuição assemelhamo-nos a uma noite estrelada: contemplamos o mundo através de milhares de olhos.

A natureza selvagem acarreta a responsabilidade da cura; traz tudo o que uma mulher precisa saber e conhecer. Acarreta consigo o remédio para todas as coisas. Acarreta consigo histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos. É simultaneamente veículo e destino.

Ligar-se à natureza selvagem não significa necessariamente mudar radicalmente, alterar tudo da esquerda para a direita, de preto para branco, mudar de ocidente para oriente, agir de forma disparatada ou descontrolada. Não significa perder as nossas socializações primárias ou tornar-se menos humana. Significa basicamente o contrário. A natureza selvagem tem uma vasta integridade.

Significa definir território, encontrar o nosso grupo, estar dentro do corpo que nos foi destinado, em segurança e com orgulho, independentemente dos dons do corpo e das suas limitações; significa falar e agir no seu próprio interesse, estar consciente, alerta, tirar partido dos poderes da intuição e da percepção inatos à mulher, retomar os ciclos, descobrir aonde se pertence, erguer-se com dignidade e conservar o maior nível de consciencialização possível.

O arquétipo da Mulher Selvagem, e tudo o que a esta está associado, é o esteio de todas as pintoras, escritoras, escultoras, bailarinas, pensadoras, oradoras, investigadoras, pesquisadoras, pois todas se dedicam à tarefa de inventar, e esta é a ocupação principal da natureza feminina. Como em todas as artes, esta natureza feminina reside nas entranhas e não na cabeça.

Pode seguir pistas e correr, reunir e repelir. Pode aperceber-se, camuflar-se e amar profundamente. É intuitiva, típica e normativa. É absolutamente essencial à saúde mental e anímica da mulher.

Sendo assim, a que corresponde a Mulher Selvagem? Sob o ponto de vista da psicologia arquetípica, bem como das tradições antigas, corresponde à alma feminina. No entanto, ela é muito mais do que isso. Ela é a origem do feminino. É tudo o que for instintivo, tudo o que pertencer aos dois mundos, o visível e o invisível — é a base. Todas recebemos dela uma inflamada célula que contém todos os instintos e saberes necessários às nossas vidas.

«...Ela é a força da Vida/Morte/Vida, ela é a incubadora. É intuição, vidente, ouvinte atenta, coração leal. Ela estimula os seres humanos a permanecerem políglotas; fluentes na linguagem dos sonhos, da paixão, da poesia. Sussurra nos sonhos da noite; deixa um rasto de pelo áspero e pegadas enlameadas no terreno da alma feminina. Coisas que deixam as mulheres ansiosas por encontrá-la, libertá-la, amá-la.

»Ela é um misto de ideias, sentimentos, desejos e memória. Ela foi perdida e meio esquecida durante um longo período de tempo. Ela é a fonte, a luz, a noite, o escuro e o alvorecer. É o odor do bom barro e a pata traseira de uma raposa. Os pássaros que nos contam segredos pertencem-lhe. Ela é a voz que nos diz: “Por aqui, por aqui.”

»É ela quem vocifera contra as injustiças. Quem gira como uma enorme roda. Quem cria os ciclos. Saímos de casa para procurá-la. Voltamos a casa para encontrá-la. Ela é a raiz fertilizada de todas as mulheres. É tudo aquilo que nos faz seguir em frente quando estamos a ponto de desistir. É a incubadora de ideias e negócios incipientes e pequenos. Ela é a mente que nos pensa, somos os pensamentos que ela pensa.

»Onde está presente? Onde se pode senti-la? Onde se pode encontrá-la? Ela caminha por desertos, florestas, oceanos, cidades, bairros, castelos. Vive entre rainhas e campesinas, em salas de reuniões, fábricas, prisões, nas montanhas da solidão. Vive nos guetos, nas universidades, nas ruas. Deixa as suas pegadas para que as sigamos. Deixa pegadas em qualquer local onde se possa encontrar uma mulher que seja terra fértil.

»Onde vive? No fundo do poço, nas fontes, no éter antes de todos os tempos. Vive na lágrima e nos oceanos, na permuta das árvores que sibila no seu crescimento. É do futuro e do princípio dos tempos. Vive no passado e é interpelada por nós. Vive no presente e tem lugar à nossa mesa. Está atrás de nós quando estamos numa fila e conduz à nossa frente, estrada fora. Vive no futuro e retrocede no tempo para vir ao nosso encontro.

»Vive no verde que espreita por entre a neve, nos caules restolhantes do milho seco do outono, vive onde os mortos recebem os nossos beijos e onde os vivos depositam as suas orações. Vive onde se cria a linguagem. Vive na poesia, na percussão e no canto. Nas notas ornamentais e nas semínimas, e numa *cantata*, numa *sestina* e nos *blues*. Ela é o momento imediatamente anterior ao desencadear da nossa inspiração. Vive num lugar distante que abre caminho para o nosso mundo. É legítimo que se peça uma evidência, uma prova da sua existência. Essencialmente, é legítimo que se peça uma prova da psique. Mas, se nós somos a psique, somos também a própria evidência. Cada uma de nós, e todas nós, comprovamos a evidência, não só da existência da Mulher Selvagem, mas também da sua condição em termos coletivos. Somos a prova deste inefável *numen* feminino. A nossa existência é paralela à dela.

»A forma como a sentimos no nosso interior e no nosso exterior corresponde às provas. Os nossos milhares e milhões de encontros intrapsíquicos com ela no decorrer dos nossos sonhos noturnos, no decorrer dos nossos pensamentos diários e no decorrer dos nossos

anseios e reflexões, confirmam a evidência. O facto de nos sentirmos desoladas ante a sua ausência, de ansiarmos pela sua presença quando estamos separadas dela, tudo isto são manifestações de que ela passou por aqui...»³

Fiz um doutoramento em psicologia etnoclínica, isto é, simultaneamente o estudo de psicologia clínica e etnológica, esta última centrada no estudo da psicologia de grupos, nomeadamente, tribos. Fiz um pós-doutoramento em psicologia analítica, o que me habilita como psicanalista junguiana. A minha experiência de vida como *cantadora/mesemondó**, poeta e artista, vem igualmente trazer informação relevante para o meu trabalho com as minhas pacientes sujeitas a análise.

Por vezes pedem-me para contar o que faço nas minhas consultas para ajudar as mulheres a recuperar a sua natureza selvagem. Coloco uma tónica substancial na psicologia clínica e do desenvolvimento e faço uso do elemento mais simples e acessível — as histórias ou relatos de vida. Estuda-se o material onírico da paciente, o qual contém muitos tramas e relatos. As sensações físicas e as memórias corporais da paciente são também episódios que se podem interpretar e trazer para o domínio do consciente.

Além disso, ensino igualmente uma poderosa forma de transe hipnótico interativo que se aproxima da imaginação ativa de Jung — e que dá também origem a relatos que vão posteriormente elucidar a viagem psíquica da paciente. Evocamos o Eu Selvagem através de questões específicas e da análise de contos, lendas e mitos. Na maior parte das vezes, passado algum tempo somos capazes de descobrir o mito ou o conto de fadas orientador e controlador de toda a instrução necessária ao desenvolvimento psíquico normal de uma mulher. Estas histórias englobam o drama espiritual de uma mulher. Algo similar a uma peça de teatro com instruções cénicas, de caracterização e adereços de cena.

A «arte de fazer» é uma parte importante do meu trabalho. Procu-ro capacitar as minhas pacientes ensinando-lhes os seculares trabalhos manuais... entre eles, as artes simbólicas da criação de talismãs, *ofrendas e retablos* — que podem ser qualquer coisa, desde simples paus envoltos em fitas, até esculturas elaboradas. A arte é importante pois celebra as estações da alma ou um acontecimento especial ou trágico na longa jornada da alma. A arte não é coisa apenas para si mesma, não é unicamente um indicador da compreensão de si mesma. É também um mapa para as gerações vindouras.

* *Mesemondó*, palavra húngara para contador de histórias. (N. da T.)

Como se pode imaginar, o trabalho com cada pessoa é personalizado ao máximo porque prevalece a verdade de que cada pessoa é única. No entanto, estes fatores permanecem constantes no meu trabalho, sendo aliás o fundamento do trabalho de todos os seres humanos que os precederam, o fundamento do meu trabalho e também do vosso. A arte de perguntar, a arte de contar histórias, a arte manual, tudo isto corresponde à criação de algo, e esse algo é a alma. Sempre que alimentamos a alma, garantimos o seu crescimento.

Espero que percebam estar perante caminhos tangíveis para suavizar velhas cicatrizes, aliviar velhas feridas e dar uma nova perspectiva às coisas, recuperando assim as antigas técnicas que tornam a alma visível, de forma realista.

As histórias que trago a este livro têm por intenção elucidar a natureza instintiva da mulher. Em muitos casos, são histórias originais, há contudo outras que são versões literárias distintas que escrevi com base em relatos peculiares que me chegaram através de tias e tios, avós e avôs, *omabs* e *opabs**, os mais velhos das minhas famílias cujas tradições orais se mantiveram, passando, incólumes, de geração em geração. Algumas das histórias correspondem a notas escritas das minhas primeiras conferências, outras vêm de tempos passados, mas todas nascem do coração. São apresentadas o mais fidedignamente possível e com todos os pormenores e integridade arquetípica. É com a permissão e a aprovação de três gerações vivas de contadoras de histórias da minha família, que entendem as subtilezas e as exigências das histórias como fenómeno curativo, que levo este projeto por diante.⁴

Adicionalmente, neste livro, encontrar-se-ão também algumas perguntas que faço às mulheres que recorrem à psicanálise, e a outras a quem ofereço conselhos para que consigam recordar-se de si mesmas. Forneço igualmente alguns detalhes sobre técnicas — jogos vivenciais e artísticos — que ajudam as mulheres a reter na memória consciente o *numen* do seu trabalho. Tudo coisas que ajudam a promover a convergência com o precioso Eu selvagem.

As histórias ou contos são como medicamentos. Desde que ouvi a primeira, fiquei como que encantada. Exercem um poder extraordinário. Não exigem que façamos nada, que sejamos nada, que tomemos qualquer ação, apenas que oiçamos. As histórias estão cheias de soluções

* Forma carinhosa de tratamento equivalente a avozinha e avozinho, usada especialmente por descendentes de holandeses e alemães. (*N. da T.*)

para curar ou recuperar qualquer impulso psíquico perdido. As histórias provocam emoção, tristeza, dúvidas, desejos e compreensões que fazem emergir espontaneamente o arquétipo, neste caso, a Mulher Selvagem.

As histórias estão repletas de instruções que nos guiam pelas complexidades da vida. Permitem-nos compreender a necessidade de despertar um arquétipo submerso, e a forma de fazê-lo. Entre centenas de histórias, as constantes das páginas seguintes são aquelas com as quais trabalhei, e as que aprofundi durante décadas, e aquelas que, acredito, exprimem com maior evidência a generosidade do arquétipo da Mulher Selvagem. Por vezes, várias camadas culturais confundem a estrutura da história. Por exemplo, no caso dos irmãos Grimm (entre outros compiladores de contos populares dos últimos séculos) há fortes indícios de que os informantes (contadores de histórias) desse tempo «purificavam» por vezes as histórias para não ferir a suscetibilidade dos irmãos religiosos. No decorrer dos tempos, os velhos símbolos pagãos foram sendo sobrepostos por símbolos cristãos. Foi assim que uma velha curandeira de uma história se transformou em bruxa má, que um espírito se transformou em anjo, um véu iniciático em lenço de mão, ou que um bebé de nome Belo (um nome usual para uma criança nascida no solstício de verão) foi rebatizado de *Schmerzenreich*, Doloroso. Os símbolos sexuais foram omitidos. Criaturas e animais afáveis foram muitas vezes substituídos por demónios e bichos-papão.

Foi assim que se perderam muitas histórias didáticas femininas sobre sexo, amor, dinheiro, casamento, nascimento, morte e conversão. Foi também assim que foram ocultados contos de fadas e mitos que explicam os antigos mistérios femininos. A maioria das antigas coletâneas de contos de fadas e lendas que foram preservadas até aos nossos dias foram expurgadas de tudo o que fosse escatológico, sexual, perverso (passando mesmo a incluir advertências contra tudo isto), pré-cristão, feminino e, ainda, temas relacionados com deusas e rituais de iniciação, medicamentos para vários distúrbios psicológicos e orientações para arroubos espirituais.

Mas nem tudo se perdeu para sempre. Enquanto criança foi-me possível tomar contacto com muito do que eu sei serem temas genuínos e sem retoques das histórias antigas, muitas das quais introduzo neste trabalho. Ainda assim, fragmentos de histórias, tal como se conhecem hoje em dia, podem fazer pressupor toda a estrutura da história. Investiguei pacientemente um pouco naquilo a que, por graça, chamo de investigação forense e paleomitologia dos contos populares

ainda que, na essência, a reconstrução seja uma empreitada demorada, complicada e contemplativa. Quando tenho sucesso neste trabalho, utilizo várias formas de interpretação, comparando fios condutores, considerando inferências antropológicas e históricas e formas tanto novas quanto antigas. Em parte, com este método, faço a reconstituição a partir de padrões arquetípicos antigos com os quais tomei conhecimento nos meus anos de formação em psicologia arquetípica e analítica, disciplina que preserva e estuda todos os temas e enredos dos contos populares, lendas e mitos, de modo a compreender as vidas instintivas dos seres humanos. Procuo ajuda nos modelos subjacentes aos mundos imaginários, às imagens coletivas do inconsciente e às que surgem nos sonhos e estados especiais de consciência. E, para que a tarefa tenha um maior sucesso, pode dar-se um toque final, comparando as matrizes da história com vestígios arqueológicos das próprias culturas seculares, tais como objetos de cerâmica, máscaras e estatuetas utilizados em rituais. Resumindo, muito ao estilo da linguagem dos contos de fadas, é caso para dizer que ando há muito tempo a remexer cinzas com o nariz.

Estudo padrões arquetípicos há uns vinte e cinco anos, já quanto aos mitos, contos populares e folclore bebidos nas minhas culturas familiares, esse tempo vai no dobro. Adquiri um vasto conhecimento relativamente à estrutura das histórias e sei quando e onde há falhas nessas estruturas. Ao longo dos séculos, várias conquistas de nações por outras nações e várias conversões religiosas, umas pacíficas, outras forçadas, encobriram ou alteraram a essência original das histórias antigas.

Mas há boas notícias. Apesar da destruição estrutural em versões existentes de contos, vislumbra-se ainda claramente um padrão bem definido e luminoso. A partir da forma e configuração de fragmentos e pequenos elementos, pode determinar-se, com alguma exatidão, o que foi perdido da história, e as peças que faltam podem ser reconfiguradas com alguma precisão, revelando frequentemente admiráveis estruturas subjacentes que começam, de certo modo, a aliviar a tristeza de mulheres, proveniente da destruição dos velhos mistérios. Mas não é bem assim. Os antigos mistérios não foram destruídos. Tudo o que uma pessoa pode precisar, tudo aquilo que alguma vez pode vir a ser necessário, sussurra ainda do esqueleto da história.

Coligir a essência das histórias é uma tarefa paleontológica incessante. Quanto maior o número de estruturas do esqueleto da história tivermos, mais fácil será, provavelmente, chegar à estrutura integral.

Quanto mais completas as histórias, mais subtilmente se mostram as voltas e reviravoltas da psique, e mais oportunidade teremos de compreender e evocar o trabalho da alma. Quando trabalhamos a alma, ela, a Mulher Selvagem, vai vindo ao de cima.

Em criança tive a sorte de viver rodeada de muitas pessoas de vários países do velho continente europeu e do México. Muitos membros da minha família, vizinhos e amigos tinham vindo recentemente da Hungria, Alemanha, Roménia, Bulgária, Jugoslávia, Polónia, Checoslováquia, Sérvia, Croácia, Rússia, Lituânia e Boémia, bem como de Jalisco, Michoacán, Juárez e de muitas das *aldeas fronterizas* entre o México e os Estados do Texas e do Arizona. Eles, e muitos outros americanos nativos, pessoas da região dos Apalaches, imigrantes asiáticos e muitas famílias afroamericanas do sul, chegavam para trabalhar no campo e nas colheitas, nas siderurgias, nas fábricas de cerveja e nos serviços domésticos. Muitos não tinham instrução no sentido académico mas eram, no entanto, extraordinariamente sábios. Eram portadores de uma tradição oral valiosa e quase em estado puro.

Grande parte dos familiares e vizinhos que me rodeavam tinham sobrevivido a campos de trabalhos forçados, campos de refugiados e campos de deportação e concentração. Entre estas pessoas, os contadores de histórias tinham vivido uma versão em pesadelo dos contos de Xerazade. Muitos tinham sido despojados das terras de família, vivido em prisões de imigração, repatriados contra a sua vontade. Com estes contadores de narrativas rurais, aprendi as histórias que as pessoas contam quando a vida se pode transformar em morte e a morte em vida em questão de segundos. O facto de estas narrativas me terem sido transmitidas com tanto sofrimento e esperança fez com que, mais tarde, depois de crescer o suficiente para começar a ler contos em livros de histórias, estes me parecessem curiosamente retocados e aprimorados, quando tomados comparativamente.

Já em jovem adulta, migrei para oeste para a zona da Divisória Continental. Vivi entre amistosos judeus, irlandeses, gregos, italianos, afroamericanos e alsacianos que não conhecia até então mas que se tornaram amigos e espíritos cúmplices. Tive a sorte de conhecer algumas das extraordinárias e antigas comunidades latinas do sudoeste dos Estados Unidos, como as comunidades de Trampas e Truchas, no Novo México. Tive a sorte de conviver com amigos e parentes nativos americanos, desde os Inuit, no norte, às tribos indígenas Pueblo e Plains no oeste, passando pelos Nahuas, Lacandones, Tehuanas, Huicholes, Seris,

Maya-Quichés, Maya-Caqchiqueles, Mesquitos, Cunas, Nasca/Quechuas e Jivaros nas Américas Central e do Sul.

Troquei histórias com irmãos e irmãs curandeiros, sentados à mesa da cozinha, debaixo de parreiras, em galinheiros, estábulos de ordenha e, enquanto preparava *tortillas*, ia seguindo o rasto de animais selvagens e bordando o milionésimo ponto de cruz. Tive a sorte de partilhar a última tigela de chili, de cantar com cantadeiras de *gospel* para despertar os mortos, e dormir sob as estrelas em casas sem telhado. Sentei-me em volta de uma fogueira, ou a jantar, ou ambas as coisas, em Little Italy, Polish Town, Hill Country, Los Barrios, e outras comunidades étnicas espalhadas por todo o centro-oeste e faroeste dos Estados Unidos e, mais recentemente, nas Bahamas, troquei narrativas com *griots*, amigos contadores de histórias, sobre *sparats*, fantasmas maus.

Fosse eu para onde fosse, tive a felicidade redobrada de ver crianças, matronas, homens na flor da idade, velhos rabugentos, mulheres idosas — os artistas da alma — a saltarem dos seus bosques, selvas, prados e dunas para me deleitarem com as suas conversas, e eu a eles, com as minhas.

Há muitas formas de abordagem aos contos populares. O folclorista profissional, o analista junguiano, freudiano ou outro, o etnólogo, o antropólogo, o teólogo, o arqueólogo, cada um deles terá o seu método distinto, tanto para recolher contos, quanto ao uso que lhes querem dar. Intelectualmente, a forma como desenvolvi o meu trabalho em torno dos contos populares foi consequência da minha formação em psicologia analítica e arquetípica. Durante mais de meia década de estudos psicanalíticos estudei a amplificação dos *leitmotive*, rede de motivos, a simbologia dos arquétipos, a mitologia mundial, a iconologia popular e ancestral, a etnologia, as religiões mundiais e a interpretação.

Contudo, visceralmente, abordo as histórias como *cantadora*, guardiã de histórias ancestrais. Sou descendente de uma longa linhagem de contadoras: *mesemondóké*, velhas mulheres húngaras que contavam histórias com a maior das naturalidades, quer estivessem sentadas em assentos de madeira com as suas bolsas de plástico ao colo, joelhos afastados, saias a roçar o chão, quer estivessem a estrangular uma galinha... e *cuentistas*, as velhas mulheres latinas que ficam de pé, seios fartos, ancas de parideira, gritando as histórias ao bom estilo *ranchera*. Ambos os clãs contam as histórias com a voz sentida das mulheres que experimentaram

sangue e filhos, pão e ossos. Para elas, o conto é um remédio que fortalece e restabelece o indivíduo e a comunidade.

Quem tiver assumido as responsabilidades de tal arte, e quem se entregar ao *numen* subjacente a tal arte, é descendente direto de uma imensa e antiga comunidade de santos, trovadores, poetas líricos, contadores, cantadoras, artistas, poetas ambulantes, vagabundos, bruxas e loucos. Certa vez, sonhei que estava a contar histórias e que alguém me dava palmadinhas num pé em sinal de encorajamento. Olhei para baixo e vi que estava de pé, em cima dos ombros de uma anciã que me segurava pelos tornozelos e me sorria.

— Não, não, venha a senhora pôr-se em cima dos meus ombros porque é idosa e eu sou jovem — disse-lhe.

— Não, não — ela insistiu. — É assim que é, é assim que deve ser.

Eu vi que ela estava de pé sobre os ombros de uma mulher ainda mais idosa do que ela, a qual estava também de pé sobre os ombros de outra mulher mais idosa ainda, a qual estava de pé sobre os ombros de uma mulher que usava um manto, a qual estava de pé sobre os ombros de uma outra alma, e assim sucessivamente...

Acreditei no que a velha mulher do sonho disse acerca da forma como tudo devia ser. A energia para contar histórias vem da força e do talento das pessoas que me antecederam. Diz-me a minha experiência que o momento mais significativo da narrativa recebe a sua força a partir de uma gigantesca coluna de humanidade, seres humanos que se tocam no tempo e no espaço, cuidadosamente vestidos em seus trapos e túnicas ou na nudez da sua época, repletos, a ponto de extravasarem vida ainda a ser vivida. Se há uma única origem da história, um *numen* da história, é nesta longa cadeia de humanos que reside.

Os contos populares são muito mais antigos do que a arte e a ciência da psicologia e, por mais tempo que passe, assim serão, sempre, os mais antigos na equação. Uma das formas mais antigas de contar, que me intriga fortemente, é o apaixonado estado de transe hipnótico em que a contadora de histórias «sente» o público — seja este composto por uma ou mais pessoas — entrando em seguida num estado que fica «num mundo entre mundos», onde uma história é «atraída» para a contadora em transe e contada através dela.

Uma contadora em estado de transe invoca *El duende*⁵, o vento que sopra energia em direção ao rosto dos ouvintes. Uma contadora em estado de transe aprende a desdobrar-se psiquicamente através da prática

meditativa da história, isto é, faz um exercício de treino individual de modo a abrir certas portas psíquicas e aberturas no ego, permitindo deixar a voz falar, aquela voz que é mais antiga que as pedras. Quando tal ocorre, a história pode seguir qualquer rumo, pode ser virada do avesso, ser transformada em alimento e servida a um pobre, qual festim, pode ser recheada de ouro, ou captar o ouvidor de modo a transportá-lo para outro mundo. A contadora nunca sabe o fim da história e é aqui que reside pelo menos metade da refrescante magia da mesma.

Este é um livro de narrativas sobre os caminhos do arquétipo da Mulher Selvagem. Tentar esquematizá-la, desenhar caixas em torno da sua vida psíquica, contrariaria o espírito dela. Conhecer-la é um processo contínuo, um processo para toda a vida.

Assim, seguem-se algumas histórias que se podem aplicar a si, leitora, como vitaminas para a alma, algumas observações, alguns fragmentos de mapas, uns pedacinhos de resina para fixar penas às árvores, tudo indicativos do caminho a seguir, e ainda alguma vegetação rasteira cortada, qual senda de regresso a um mundo subterrâneo, nosso lar psíquico.

As histórias põem a vida interior em movimento, coisa particularmente importante quando essa vida interior se sente assustada, forçada ou encurralada. As histórias oleiam guindastes e polias, provocam descargas de adrenalina, mostram-nos caminhos de saída em várias direções e, apesar das dificuldades, abrem-nos pequenas portas em paredes anteriormente compactas, portas que levam à terra dos sonhos, ao amor, à sabedoria, que nos conduzem às nossas verdadeiras vidas de mulheres selvagens e sábias.

Histórias como *O Barba Azul* ensinam-nos exatamente o que fazer perante as feridas de mulheres que não saram. Histórias como *A Mulher Esqueleto*, demonstram o poder místico da relação e como sentimentos adormecidos podem ser reavivados dando origem novamente a um amor profundo. Os dons da *Velha Mãe Morta** estão presentes na personagem de Baba Yagá, a velha Feiticeira Selvagem. No conto *Vassilissa, a sábia*⁶, a pequena boneca que mostra o caminho quando tudo parece perdido, desperta novamente uma das artes femininas instintivas há muito perdida. Histórias como *La Loba*, a mulher dos ossos no deserto, demonstram-nos a função transformativa da psique. A *Menina Sem Mãos*

* Neste parágrafo, referências a contos de Alexander Afanasiev, conhecido folclorista russo do século XIX e o primeiro a dedicar-se à recolha e edição de contos tradicionais eslavos. (N. da T.)

recupera os estágios perdidos dos velhos rituais de iniciação dos tempos primitivos oferecendo, assim, um guia intemporal e eterno para todos os anos de vida de uma mulher.

A nossa proximidade à natureza selvagem é o que nos induz a não limitar as nossas conversas com os seres humanos, a não limitar os nossos movimentos mais esplêndidos nas pistas de dança, a não confinar os nossos ouvidos apenas à música emitida por instrumentos feitos pela mão humana, a não limitar os nossos olhos à beleza que nos foi «ensinada», nem os nossos corpos às sensações pré-aprovadas, nem as nossas mentes às coisas sobre as quais já estamos vulgarmente sempre de acordo. Todas estas histórias oferecem a perspicácia do discernimento, a chama de uma vida apaixonada, o fôlego para falar do que se sabe, a coragem para suportar o que se vê, sem desviar o olhar, a fragância do espírito selvagem.

Este é um livro de histórias de mulheres que insistem em ser marcos ao longo da caminhada. São para si, cara leitora, para que as leia e contemple, por forma a que a conduzam a uma liberdade merecida e natural, ao seu respeito por si mesma, pelos animais, pela terra, pelas crianças, irmãs, companheiros e homens. Antes de prosseguir, devo dizer-lhe que as portas para o mundo do Eu selvagem são poucas, mas preciosas. Se tiver uma cicatriz profunda, estará diante de uma porta, se estiver ante uma história muito, muito antiga, estará ante uma porta. Se amar o céu e as águas, tanto que mal possa resistir-lhes, isso é uma porta. Se deseja uma vida mais profunda, uma vida mais cheia, mais sã, isso são portas.

O material constante deste livro foi escolhido para incentivá-la, cara leitora. Esta obra pretende ser um fortificante para aquelas que perseguem o seu caminho, incluindo quem avança por agrestes paisagens interiores, bem como para quem trabalha arduamente no mundo e pelo mundo. Temos que esforçar-nos para permitir que as nossas almas se desenvolvam por caminhos naturais, atingindo uma profundidade natural. A natureza selvagem não requer que a mulher seja de determinada cor, que tenha uma certa educação ou um qualquer estilo de vida, nem que pertença a determinada classe económica... De facto, ela não conseguirá florescer num ambiente forçado, politicamente correto, nem poderá ser dobrada de modo a adaptar-se a paradigmas antiquados e caducos. A natureza selvagem floresce quando há pontos de vista novos e respeito por si mesma. Floresce pela sua própria natureza.

Sendo assim, quer a leitora seja uma mulher introvertida ou extrovertida, uma mulher que gosta do ser feminino ou uma mulher que gosta do ser masculino, ou de Deus, ou de todas as hipóteses mencionadas; quer tenha um coração simples ou a ambição de uma amazona, quer queira chegar ao topo, ou lhe baste viver o dia-a-dia, quer seja alegre ou triste, bonita ou feia — é a si que pertence a Mulher Selvagem. A Mulher Selvagem é pertença de todas as mulheres.

Para encontrá-la, a mulher precisa de regressar à sua vida instintiva, reencontrar a sua mais profunda sabedoria.⁷ Vamos lá então, caminhemos no sentido de reencontrar o espírito selvagem. Regozigemo-nos com o regresso da carne aos seus ossos. Deixar cair algumas capas falsas que nos tenham sido impostas. Vamos vestir-nos com a verdadeira roupagem dos poderosos instinto e conhecimento. Infiltrremo-nos em territórios psíquicos que outrora nos pertenceram. Está na hora de retirar ligaduras, de preparar remédios. Está na hora de voltarmos a ser mulheres selvagens, que gritam, riem e cantam Aquela que nos ama tanto.

Para nós, a questão é simples. Sem nós, a Mulher Selvagem morre. Sem a Mulher Selvagem, quem morre somos nós. Pela vida, pela verdadeira vida, ambas devem coexistir.

CAPÍTULO 1

O UIVO:

Ressurreição da Mulher Selvagem

La Loba, A Mulher Lobo

Devo confessar que não sou do género Ser Divino que prega no deserto e regressa a transbordar sabedoria. Na minha vida, sentei-me à volta de muitas fogueiras e espalhei isco de anzol em torno de todos os sítios onde dormi. Mas, mais do que acrescentar em sabedoria, sofri episódios aborrecidos de *giardiasis*, *E.coli*¹ e desintéria amebiana. Pois! Deve ser o destino de uma mística de classe média com intestino sensível.

Independentemente da sabedoria ou do conhecimento que possa ter adquirido nas minhas viagens a locais estranhos e nas minhas visitas a pessoas incomuns, aprendi a proteger-me porque, por vezes, tal como Cronus, o velho pai Akadémus também tem uma inclinação para devorar os seus filhos antes daqueles manifestarem capacidades curativas ou admiráveis. A sobreintelectualização pode obscurecer os padrões da natureza instintiva da mulher.

Assim, para promover a nossa ligação afetiva com a natureza instintiva, ajudará bastante se compreendermos as histórias como se estivéssemos dentro delas, ao invés de as sentirmos como se não tivéssemos nada a ver com elas. Entramos numa narrativa atravessando a porta do ouvido interno. A história falada toca o nervo auditivo, o qual atravessa a base do crânio entrando no tronco cerebral mesmo abaixo do mesocéfalo. Daí, os impulsos auditivos são transmitidos para

o consciente ou, por outras palavras, para a alma... isto em função da postura de quem escuta.

Os antigos anatomistas relatavam o nervo auditivo como sendo composto por três ou quatro caminhos profundos no cérebro, presumindo assim que os ouvidos podiam escutar em três níveis distintos. Dizia-se que um caminho servia para ouvir as conversas terrenas do mundo. Um segundo caminho, diziam, destinava-se a adquirir conhecimento e aos aspectos artísticos, e o terceiro, existia para que a própria alma pudesse ouvir conselhos e obter conhecimento na sua passagem pelo mundo terreno.

Assim, agora há que ouvir com o ouvido da alma, já que essa é a missão da história.

Osso a osso, fio de cabelo a fio de cabelo, a Mulher Selvagem regressa. Através de sonhos noturnos, através de acontecimentos pouco perceptíveis e pouco nítidos conscientemente, a Mulher Selvagem regressa. Renasce através da história.

Iniciei a minha migração pelos Estados Unidos na década de 1960 em busca de um local onde me fixar, onde houvesse bosques, águas límpidas e perfumadas, um local habitado pelas criaturas que eu amava: ursos, raposas, serpentes, águias e lobos. Os lobos vinham sendo sistematicamente exterminados desde a região dos Grandes Lagos; fosse eu para onde fosse, os lobos eram, de uma forma ou de outra, objeto de perseguição. Embora fosse ideia geral que constituíam uma ameaça, sempre me senti mais segura em locais onde havia lobos nas florestas. Nesse tempo, mais para oeste e para norte, era possível acampar e ouvir pela noite os cânticos das montanhas e da floresta.

Mas, mesmo aí, a era das carabinas com mira, dos holofotes montados em *jeeps*, e dos «iscos» à base de arsénico levaram a uma era de silêncio sobre as terras. Depressa também as Montanhas Rochosas ficaram quase desertas de lobos. Foi essa a razão que me fez chegar ao grande deserto que se situa metade no México, metade nos Estados Unidos. E, quanto mais descia para sul, mais histórias de lobos ia ouvindo.

Há quem diga que há um lugar no deserto onde o espírito da mulher e o espírito do lobo se vêm encontrando no decorrer dos tempos. Senti que estava a chegar a bom porto nessa crença quando, nas zonas fronteiriças do Texas, ouvi a história da *Menina Loba* sobre uma mulher

que era uma loba que, por sua vez, era uma mulher. Depois, descobri uma antiga história asteca de gêmeos órfãos que haviam sido amamentados por uma loba até as crianças terem idade suficiente para se bastarem a si mesmas.²

Finalmente, contados por agricultores arrendatários de antigas terras espanholas e por elementos das tribos indígenas Pueblo, ouvi relatos sobre as pessoas dos ossos, velhos que ressuscitam os mortos. Contava-se que traziam a vida tanto a seres humanos, quanto a animais. Mais tarde, numa das minhas expedições etnográficas, encontrei uma mulher com esse dom e, desde então, nunca mais voltei a ser a mesma pessoa. Aqui vos deixo um relato e uma introdução na primeira pessoa.

.....

La Loba

Há uma velha que vive num local recôndito da alma que todos reconhecem mas que poucos alguma vez viram. Tal como nos contos de fadas do velho continente europeu, parece andar à espera que venham até ela os que vagueiam sem destino, os que andam perdidos, ou os que buscam algo.

É circunspecta, quase sempre de cabelos longos, invariavelmente gorda e, sobretudo, procura evitar ajuntamentos. Emite ruídos de gralha, cacareja como uma galinha, geralmente sempre sons mais característicos de animal do que de gente.

Diz-se que vive por entre os buracos dos declives de granito do território índio dos Tarahumara. Ou que está enterrada nos arrabaldes de Phoenix junto a um poço. Talvez possa ser vista a deslocar-se para sul, para Monte Albán³, num carro queimado com o vidro traseiro desfeito com um tiro. Ou talvez seja avistada à beira da autoestrada perto de El Paso, ou a viajar à boleia com camionistas para Morelia, no México, ou a dirigir-se ao mercado de Oaxaca com uns estranhos molhos de lenha às costas. É conhecida por muitos nomes: *La Huesera*, Mulher dos Ossos; *La Trapera*, a Apanha-tudo; e *La Loba*, a Mulher Lobo.

A única tarefa de *La Loba* é a de recolher ossos. Recolhe e preserva, especialmente tudo aquilo que considera em risco de se perder para a humanidade. A sua gruta está cheia de ossos de todo o tipo de criaturas do deserto: veados, cascavéis, corvos. Mas a sua especialidade são os lobos. Rasteja, arrasta-se e esmiúça tudo o que encontra por *montañas* e *arroyos*, montanhas e leitos de rio secos, à procura de ossos de lobos e, quando recolhe um esqueleto inteiro, quando coloca o último osso na

sua posição e a bela escultura branca da criatura se afigura perante os seus olhos, senta-se ao lume e escolhe a canção que lhe cantará.

E quando tiver decidido, põe-se de pé ao lado da *criatura*, ergue os braços sobre ela e começa a cantar. É nessa altura que as costelas e os ossos das patas do lobo começam a ganhar carne e a criatura começa a ficar coberta de pelo. *La Loba* vai continuar a cantar, e assim, igualmente, cada vez mais a criatura se vai tornando um ser vivo; a sua cauda enrola-se um pouco para cima, peluda e forte.

E *La Loba* continua a cantar e a criatura começa a respirar.

E *La Loba* continua a cantar com uma intensidade tal que as terras do deserto estremecem, e continua a cantar ainda mais, o lobo abre os olhos e, de um salto, afasta-se a correr, desfiladeiro fora.

Num qualquer momento da sua correria, seja pela velocidade, seja porque mergulha nas águas de um rio, ou porque nele incide um raio de sol ou a luz do luar, o lobo transforma-se subitamente numa mulher que ri e corre, livre, em direção ao horizonte.

Portanto, não esqueça. Se caminhar pelo deserto e o sol se estiver a pôr, se estiver até um pouco perdida, e certamente cansada, talvez tenha sorte, quem sabe possa cair nas graças de *La Loba* e, quem sabe, ela lhe ensine alguma coisa... coisas da alma.

.....

Todos nós começamos o nosso caminho como um molho de ossos, perdido algures num deserto, um esqueleto desconjuntado que jaz sob as areias. É nossa tarefa encaixá-los. É um trabalho metucioso que resulta melhor quando as sombras são as adequadas, pois exige uma grande busca. *La Loba* ensina o que devemos procurar — a indestrutível força da vida, os ossos.

Pode pensar-se no trabalho de *La Loba* como representativo de um *cuento milagro*, uma história milagrosa. Mostra-nos o que pode adequar-se à alma. É uma história de ressurreição acerca da ligação do além à Mulher Selvagem. Assegura que se cantarmos a canção poderemos convocar os restos psíquicos do espírito selvagem, cantando até lhe devolver a sua forma vital.

La Loba canta sobre os ossos que recolheu. Cantar significa usar a voz da alma. Significa murmurar a verdade do poder e da necessidade pessoal, incutir alma a uma coisa doente ou a precisar de recuperar. Isso consegue-se descendo até ao entendimento mais profundo do grande amor e do sentimento, até que o nosso desejo de nos relacionarmos

com o Eu Selvagem transborde, e depois falar com a própria alma, partindo deste estado de espírito. A isto chama-se cantar sobre os ossos. Não podemos cometer o erro de tentar obter de um parceiro este grande sentimento de amor, porque esta tarefa feminina de encontrar e cantar o hino da criação é um trabalho solitário, um trabalho levado a cabo no deserto da alma.

Consideremos agora a própria *La Loba*. No léxico simbólico da psique, o símbolo da Mulher Velha é uma das personificações arquetípicas mais difundidas mundialmente. Outras são a Mãe Grande e o Pai Grande, a Criança Divina, o Charlatão, o Feiticeiro (ou Feiticeira), a Donzela e a Juventude, a Heroína-Guerreira e o Louco (Louca). Todavia, uma figura como *La Loba* pode considerar-se bastante diferente na sua essência e influência, já que é um símbolo da raiz que alimenta todo um sistema instintivo.

No sudoeste, o arquétipo da Mulher Velha pode também identificar-se com *La Que Sabe*, Aquela Que Sabe. A primeira vez que fui confrontada com *La Que Sabe* foi quando vivia nas montanhas de Sangre de Cristo, no Novo México, no coração do Lobo Peak. Uma velha bruxa de Ranchos contou-me que *La Que Sabe* sabia tudo o que se relacionava com as mulheres, que *La Que Sabe* tinha criado as mulheres a partir de uma ruga na planta do seu pé divino. E esta é a razão pela qual as mulheres são criaturas sábias já que, na sua essência, são feitas da pele da planta do pé que tudo sente. Esta ideia de que a pele da planta do pé é de extrema sensibilidade soava-me, de certa forma, a verdadeira, porque uma mulher indígena aculturada, da tribo Kiché, disse-me, certa vez, que usara o seu primeiro par de sapatos aos vinte anos e ainda não estava habituada a andar *con los ojos vendados*, ou seja, com vendas nos pés.

A essência selvagem que preenche a natureza tem sido designada por muitos nomes e tem sido transversal a todas as nações, no decorrer dos tempos. Estes são alguns dos velhos nomes pelos quais é conhecida: *A Mãe dos Dias*, é a Mãe-Criador-Deus de todos os seres vivos e obras, nomeadamente o céu e a terra; *A Mãe Nyx* controla todas as coisas, da lama às trevas; *Durga* comanda os céus e os ventos e os pensamentos dos humanos a partir dos quais emana toda a realidade; *Coatlícue* dá à luz o universo infantil, que é malicioso e difícil de controlar mas, como uma mãe loba, ela morde a orelha do seu filho para controlá-lo; *Hekate*, a velha vidente que «conhece o seu povo» e está envolta num cheiro de húmus e alento de Deus. Mas há mais nomes, muitos mais. Tudo imagens do que vive e de quem vive nos sopés das montanhas, nos longínquos desertos, nas profundezas.

Seja qual for o nome que lhe dão, a força personificada por *La Loba* guarda o passado pessoal e o passado longínquo, já que sobreviveu geração após geração, e é mais velha que o próprio tempo. É uma arquivista dos desígnios da mulher, preservando a tradição feminina. Os seus bigodes adivinham o futuro; tem o olhar perspicaz e turvo dos idosos; vive simultaneamente no presente, no passado e no futuro, corrigindo os erros de um lado e dançando com o outro.

A mulher idosa, *Aquela Que Sabe*, está dentro de nós. Floresce no mais profundo da alma-psique das mulheres, o antigo e vital Eu selvagem. A sua casa é aquele lugar no tempo onde o espírito das mulheres e o espírito dos lobos se encontram, o lugar onde se confundem mente e instinto, onde a vida profunda da mulher molda a sua vida mundana. O ponto onde o Eu e o Tu se beijam, o local onde, com todo o seu espírito, as mulheres correm com os lobos.

Esta velha mulher situa-se entre os mundos da racionalidade e dos mitos. Como se fosse o osso que articula e no qual giram estes dois mundos. O território que se interpõe entre estes dois mundos corresponde àquele local inexplicável que todas concordamos já ter vivenciado, ainda que as suas matizes nos escapem e mudem de forma se tentarmos imobilizá-las, a não ser que nos socorramos da poesia, da música, da dança ou dos contos populares.

Especula-se quanto ao facto do sistema imunitário do organismo estar alicerçado neste misterioso território psíquico, bem como a mística e as imagens e impulsos arquetípicos, nomeadamente a nossa fome de Deus, o nosso fascínio pelos mistérios e todos os instintos, tanto os sagrados, quanto os profanos. Há quem chegue mesmo a dizer que é também aí que se encontram os registos da humanidade, a raiz da luz, a espiral das trevas. Não é um vazio, mas sim um espaço ocupado pelos Seres das Brumas, um espaço onde as coisas são e ainda não são, onde as sombras têm consistência, mas uma consistência cristalina.

Sobre este território há algo que não oferece dúvida, é antigo... mais antigo do que os oceanos. Não tem idade, é eterno. O arquétipo da Mulher Selvagem suporta este estrato, sendo daí que emana a psique instintiva. Embora nos nossos sonhos e experiências criativas possa assumir muitos disfarces, ela não se encontra no mesmo estrato da mãe, da jovem, ou da mulher de meia-idade, tão pouco é a criança interior. Não é rainha, amazona, amante, vidente. É muito simplesmente o que é. Chamem-na *La Que Sabe*, *Aquela Que Sabe*, chamem-na

Mulher Selvagem, *La Loba*, chamem-na pelos seus nomes mais importantes, ou menos importantes, mais recentes ou mais antigos, ela continuará a ser apenas o que é.

A Mulher Selvagem como arquétipo é uma força inimitável e inefável que acumula uma quantidade de ideias, imagens e especificidades para a humanidade. Há arquétipos por todo o lado, ainda assim, não podem ser vistos no sentido tradicional. O que pode ser visto de noite pode não ser necessariamente visto de dia.

Descobrimos vestígios evidentes do arquétipo nas imagens e símbolos encontrados em contos, literatura, poesia, pintura e religião. O seu brilho, a sua voz e a sua fragância parecem destinados a fazer com que deixemos de contemplar a porcaria em que nos embrenhamos para, de vez em quando, viajarmos na companhia das estrelas.

No local ocupado por *La Loba*, o corpo físico converte-se, assim o diz o poeta Tony Moffeit, num «luminoso animal»⁴ e, através de relatos anedóticos, o sistema imunitário do organismo parece ficar fortalecido ou enfraquecido pelo pensamento consciente. No local ocupado por *La Loba*, os espíritos manifestam-se como personagens e *La voz mitológica*, a Voz Mitológica da psique profunda, fala como poeta e oráculo. As coisas que tiverem valor psíquico, ainda que mortas, podem ser ressuscitadas. Igualmente, o material básico de todas as histórias que alguma vez existiram no mundo começa com a experiência de alguém aqui, neste território inexplicável da psique, e com a tentativa desse alguém relatar o que lhe aconteceu ali.

Dão-se vários nomes a este local entre mundos. Jung chamou-lhe, em ocasiões diferentes, inconsciente coletivo, psique objetiva e inconsciente psicóide, referindo-se a um estrato mais difícil de descrever do que o primeiro. Considerava o segundo como um local onde os mundos biológico e psicológico partilham as mesmas fontes, um local onde a biologia e a psicologia se podem interligar, influenciando-se mutuamente. Em toda a memória humana, este lugar — chamemos-lhe Nod, lar dos seres das brumas, falha entre mundos — é o sítio onde se produzem aparições, milagres, fantasias, inspirações e curas de todo o tipo.

Embora este lugar transmita uma enorme riqueza psíquica, há que fazer uma abordagem com uma certa preparação, já que é grande a tentação de nos afundarmos alegremente no êxtase da nossa permanência ali. Uma realidade consensual pode parecer, comparativamente, menos interessante. Neste sentido, estes estratos mais profundos da psique podem transformar-se numa armadilha de arrebatamento da qual as pessoas retornem instáveis, com a cabeça cheia de ideias insustentáveis e

intuições irreais. E não é assim que as coisas devem ser. Há que regressar totalmente lavado ou mergulhado numa água revitalizante e informativa, algo que deixe gravado na nossa carne o odor do sagrado.

Todas as mulheres têm acesso potencial a este *Río Abajo Río*, este Rio que corre sob o Rio. Alcança-se através de uma meditação profunda, da dança, da escrita, da pintura, da oração, do tamborilar do bатуque, da imaginação ativa, ou de qualquer outra atividade que requeira uma intensa alteração da consciência. Uma mulher chega a esse mundo-entre-mundos através do desejo e da busca de algo que ela apenas vê pelo canto do olho. Uma mulher chega lá por meio de gestos profundamente criativos, por meio de uma solidão intencional e pela prática de qualquer uma das artes. Contudo, apesar de todas estas atividades tão bem estudadas, grande parte do que acontece neste mundo inefável é-nos para sempre misterioso, pois rompe com todas as leis físicas e racionais tal como as conhecemos.

O cuidado com que se deve penetrar neste estado psíquico está documentado numa pequena mas intensa história de quatro rabinos que ansiavam contemplar a sacratíssima Roda de Ezequiel.

.....

Os Quatro Rabinos

Certa noite quatro rabinos receberam a visita de um anjo que os acordou e os transportou à Sétima Abóbada do Sétimo Céu. Ali contemplaram a sagrada Roda de Ezequiel.

Algures na descida de *Pardes* (Paraíso) para a Terra, um dos rabinos, depois de apreciar tal esplendor, enlouqueceu e assim permaneceu até ao fim dos seus dias, vagueando e espumando de raiva. O segundo rabino era extremamente cínico:

— Oh! Eu sonhei com a Roda de Ezequiel. Foi tudo. Não aconteceu *realmente* nada.

O terceiro rabino não se calava com o que tinha visto, pois estava totalmente obcecado. Discursava sem parar, descrevendo pormenores de construção e o seu significado... e desta forma se desviou do seu caminho, traíndo a sua fé. O quarto rabino, que era um poeta, pegou num papel e num junco, sentou-se perto de uma janela e escreveu canções atrás de canções louvando a pomba do entardecer, a sua filha no berço e todas as estrelas do céu. E desta maneira viveu a sua vida melhor do que era antes⁵.

.....

Não se sabe quem viu o quê na Sétima Abóbada do Sétimo Céu. Mas sabemos que o contacto com o mundo onde residem as Essências nos leva a conhecer algo para além das coisas comuns que alguma vez os seres humanos ouviram, levando-nos igualmente a experimentar uma sensação de expansão e grandeza. Quando se entra em contacto com o autêntico fundamento d'Aquela Que Sabe, reagimos e atuamos com base na nossa natureza integral mais profunda.

A história recomenda que a atitude ótima a adotar na vivência do inconsciente profundo é o não se deixar fascinar nem de mais, nem de menos, não se maravilhar em demasia nem demonstrar um cinismo excessivo; ser corajoso, sim, mas não imprudente.

No seu magnífico ensaio *The Transcendent Function (A Função Transcendente)*⁶ Jung avisou que algumas pessoas, na sua busca incessante do Eu, esteticizam excessivamente a vivência do Deus ou do Eu, outras atribuem-lhe pouco valor e outras ainda, as que não estão preparadas para fazê-lo, sairão magoadas desse processo. Haverá, contudo, outras que saberão prosseguir caminho naquilo a que Jung chamou de «obrigação moral» de viver e exprimir o que se aprendeu na descida e na subida até ao Eu selvagem.

Esta obrigação moral de que ele fala significa viver aquilo que percebemos, quer o encontremos nos campos Elísios da psique, nas ilhas dos mortos, nos desertos dos ossos, na vertente da montanha, na rocha do mar, no luxuriante além, em qualquer lugar onde *La Que Sabe* sopra sobre nós, estimulando-nos, alterando a nossa forma de estar. A nossa tarefa é a de mostrar que fomos bafejados com esse sopro, mostrá-lo, reportá-lo, cantá-lo em voz alta, e viver neste mundo de cá o que recebemos através destes súbitos conhecimentos, do corpo, dos sonhos e jornadas de todo o tipo.

La Loba equipara-se aos mitos universais da ressurreição dos mortos. Na mitologia egípcia, Ísis presta este serviço ao seu irmão defunto Osíris, o qual é desmembrado todas as noites pelo seu diabólico irmão, Seth. Ísis trabalha do anoitecer ao amanhecer, noite após noite, para juntar todos os pedaços do seu irmão, antes do amanhecer, caso contrário o sol não despontaria. Jesus Cristo ressuscitou Lázaro, o qual já estava morto há tanto tempo que já «fedia». Deméter convoca uma vez por ano a sua pálida filha Perséfone da Terra dos Mortos. E *La Loba* canta sobre os ossos.

Enquanto mulheres, esta é a nossa prática de meditação, convocar os aspectos mortos e desmembrados de nós mesmas e da própria vida.

Aquele que recria a partir daquilo que está morto é sempre um arquétipo de dupla face. A Mãe da Criação é também sempre a Mãe da Morte e vice-versa. Devido a esta natureza dual a grande tarefa que se nos afigura é aprender a entender o que é que, à nossa volta e dentro de nós, deve viver e o que deve morrer. A nossa tarefa é a de saber discernir o momento para ambas as coisas; e permitir que aquilo que deve morrer, morra, e que aquilo que deve viver, viva.

Para as mulheres, o mundo do *Río Abajo Río*, o rio sob o rio, o lugar da Mulher dos Ossos, inclui um conhecimento imediato de sementes, enxertia de plantas, o bem-estar futuro do mundo. No México diz-se que as mulheres carregam *la luz de la vida*, a luz da vida. Esta luz localiza-se, não no coração da mulher, não atrás dos seus olhos, mas *en los ovarios*, nos ovários, onde ficam armazenadas todas as sementes, mesmo antes do seu nascimento. (No caso dos homens, que exploram as ideias mais profundas da fertilidade e da natureza da semente, a imagem que se lhes aplica é a da bolsa peluda, *los cojones*, o escroto).

Este é o conhecimento que se ganha por estar perto da Mulher Selvagem. Quando *La Loba* canta, canta a partir do conhecimento contido nos ovários, um conhecimento que provém das profundezas do corpo, das profundezas da mente, das profundezas da alma. Os símbolos da semente e do osso são muito similares. Quando se tem a matéria-prima da raiz, a base, a parte original, quando se tem o bem-estar futuro, qualquer estrago se pode reparar, as terras devastadas podem voltar a ser semeadas, os campos podem ser postos em pousio, a semente dura pode ser demolhada para amolecer, ajudando-a a abrir e a germinar.

Ter a semente significa ter a chave da vida. Seguir os ciclos da semente significa dançar com a vida, dançar com a morte e voltar a dançar com a vida. É a encarnação da Mãe da Vida e da Morte na sua forma mais antiga e original. E como ela gira nestes ciclos constantes, chamada de Mãe da Vida/Morte/Vida.

Se se perde algo, é a ela que se deve apelar, é com ela que se deve falar, é a ela que se deve dar ouvidos. O seu conselho psíquico é por vezes duro ou difícil de pôr em prática, no entanto, é sempre transformador e reparador.

Assim, quando algo está perdido, devemos dirigir-nos à velha mulher que vive sempre nas profundezas da pélvis. É ali que ela vive, meio dentro, meio fora do fogo criador. Este é um local perfeito para as mulheres viverem, mesmo ao lado dos ovos férteis, os seus ovos, as suas

sementes femininas. É aí que se cruzam as mais pequenas ideias com as mais importantes, qualquer delas esperando que as nossas mentes e ações façam com que se manifestem.

Imagine a velha mulher como a mulher quintessencial de dois milhões de anos de idade⁷. É a Mulher Selvagem original que vive simultaneamente debaixo e no cimo da terra. Vive em nós e através de nós, nós estamos impregnadas dela. Os desertos, os bosques e a terra sobre a qual assentam as nossas casas têm dois milhões de anos, ou mesmo mais.

Sempre me questionei relativamente ao quanto as mulheres gostam de mexer na terra. Plantam bolbos na primavera. Remexem com os dedos enegrecidos no solo estrumado para transplantarem tomateiros de cheiro intenso. Creio que escavam em busca da mulher de dois milhões de anos de idade. Procuram os seus dedos dos pés e as suas patas. Querem recebê-la como um presente pois, com ela, sentem-se inteiras e em paz.

Sem ela, sentem-se inquietas.

Muitas mulheres que me consultaram ao longo dos anos começaram invariavelmente a primeira sessão com qualquer coisa como: «Bom, não é que me sinta mal, mas também não me sinto bem.» Penso que essa sensação não tem nada de misterioso. Sabemos que se deve a falta de suficiente estrumação. A cura? *La Loba*. Há que encontrar a mulher de dois milhões de anos de idade. É ela quem cuida do que já morreu e do que está em vias de morrer nas mulheres. É ela o caminho entre os vivos e os mortos. É ela quem canta os hinos da criação sobre os ossos.

A velha, a Mulher Selvagem, é *La voz mitológica*. É a voz mitológica que conhece o passado e a nossa história ancestral, mantendo-a registada nos contos populares. Por vezes sonhamos com ela, qual voz sem corpo mas belíssima.

Tal como a menina bruxa, ela mostra-nos o que significa a diferença entre estar murcha, ou apenas enrugada. Os bebés nascem enrugados com instinto. Sentem no mais fundo dos seus ossos o que está certo e o que fazer com esse instinto. É inato. Se uma mulher conseguir preservar este dom de ser velha quando jovem, e jovem quando velha, saberá sempre, por antecipação, o que virá a seguir. Mas se o perder, pode ainda tentar recuperá-lo mediante algum trabalho psíquico objetivo.

La Loba, a velha do deserto, é uma colecionadora de ossos. Na simbologia arquetípica, os ossos representam a força indestrutível. Não

se prestam a uma fácil redução. São, estruturalmente, difíceis de queimar, quase impossíveis de reduzir a cinzas. Nas lendas e nos contos populares, representam a alma/espírito indestrutível. Sabemos que a alma/espírito pode ser magoada, até mesmo marcada com cicatrizes. Nela podem deixar-se marcas de uma doença, marcas do fogo do medo. Mas a alma não morre, porque está protegida por *La Loba*, lá no mundo das profundezas, no além. Ela é simultaneamente a colecionadora e a incubadora dos ossos.

Os ossos são suficientemente pesados para magoarem, suficientemente afiados para poderem cortar a carne e, quando velhos, se dedilhados, tilintam como vidro. Os ossos dos vivos estão vivos e são seres vivos em si mesmos; renovam-se constantemente. Um osso vivo tem uma «pele» curiosamente suave. Aparentemente, tem uma enorme capacidade de regeneração. Mesmo enquanto osso seco pode tornar-se abrigo para pequenas criaturas vivas.

Nesta história, os ossos do lobo representam o aspecto indestrutível do Eu selvagem, a natureza instintiva, a criatura dedicada à liberdade e ao intocado que jamais aceitará os rigores e requisitos de uma cultura morta ou excessivamente civilizadora.

As metáforas, aqui, tipificam todo o processo capaz de restituir uma mulher aos seus plenos sentidos selvagens instintivos. Dentro de nós está aquela velhota que recolhe ossos. Dentro de nós estão os ossos da alma desse Eu selvagem. Dentro de nós existe potencial para reincarnarmos novamente como as criaturas selvagens que fomos algures no tempo. Dentro de nós estão os ossos que nos podem mudar, que podem mudar o nosso mundo. Dentro de nós está o ar que respiramos, as nossas verdades, os nossos anseios. Todos juntos, são a canção, o hino da criação que temos andado a desejar cantar.

Isto não quer dizer que devamos começar a andar por aí com os cabelos caídos sobre os nossos olhos ou com umas unhas das mãos compridas e negras que mais pareçam garras. Sim, continuamos a ser seres humanos mas, no íntimo da mulher, habita o Eu selvagem instintivo. Não se trata de uma personagem romântica de banda desenhada. Tem dentes verdadeiros, rosna realmente, é de uma generosidade enorme, tem uma capacidade de ouvir inigualável, garras afiadas e seios generosos e peludos.

Este Eu deve ter liberdade para se movimentar, falar, zangar-se, e liberdade criativa. Este Eu é resistente, resiliente e detentor de grande

intuição. É um Eu versado nas questões espirituais da morte e do nascimento.

Hoje, a velha no seu interior está a recolher ossos. Que está ela a recriar? Ela é o Eu da alma, a construtora do espaço da alma. *Ella lo hace a mano*, ela cria e recria a alma manualmente. Que faz ela por si, por nós?

Mesmo no melhor dos mundos a alma precisa de renovação de tempos a tempos. Tal como acontece com as casas de adobe no sudoeste dos Estados Unidos, há bocadinhos que se desprendem, pedaços que caem, outros que a água desfaz. Há sempre uma velha gorda de chinelos que vai acrescentando alguma massa argilosa às paredes de adobe. Ela mistura palha, água e terra, aplicando esta amálgama nas paredes, deixando-as renovadas. Sem a sua intervenção, a casa perderia a sua forma. Sem ela, desmoronar-se-ia num monte de terra aquando de uma grande chuvada.

É ela a protetora da alma. Sem ela, perderíamos a nossa forma. Sem esta fonte de alimentação que nos interliga, dir-se-ia que os humanos não teriam alma, ou seriam almas danadas. Ela molda a casa da alma e vai-a aumentando com as suas próprias mãos. Ela é a velha de avental. A que usa o vestido mais comprido à frente do que atrás. É ela quem dá palmadinhas, quem dá mimos. É ela a construtora da alma, a criadora do lobo, a protetora das coisas selvagens.

É por isso que eu digo com todo o carinho, imagisticamente, quer a leitora se sinta um lobo preto, um lobo cinza do nordeste, um vermelho do sul, ou um branco do ártico, é com certeza a quinta-essência da *criatura* instintiva. Ainda que haja quem realmente prefira que se comporte como deve ser, ao invés de andar alegremente aos saltos no meio da mobília, ou aos saltos em cima das pessoas num gesto de boas-vindas, continue a fazê-lo assim mesmo. Há quem vá afastar-se de si com medo ou desagrado. Já a pessoa amada irá apreciar este novo aspecto da sua personalidade, isto se for a pessoa certa para si.

Algumas pessoas não gostam que ande a meter o nariz nas coisas, a cheirá-las para ver o que são. E muito menos ainda que se deite de costas no chão, com as pernas para o ar. Menina má, lobo mau. Certo? Errado. Continue nessa senda. Divirta-se.

As pessoas fazem meditação para ir ao encontro de um equilíbrio psíquico. É essa a razão que leva as pessoas a recorrerem à psicoterapia e à psicanálise. É essa a razão que leva muita gente a analisar os seus sonhos e a ser criativa, a consultar as cartas do tarô e o *I Ching*, a dançar, a

tocar tambor, a fazer teatro, a tentar compreender a poesia e a entregar-se à oração. Essa é a razão pela qual fazemos todas as coisas que fazemos. Trata-se da tarefa de reunir todos os ossos. Depois devemos sentar-nos junto a uma fogueira e pensar qual a canção que usaríamos para cantar sobre os ossos, qual o hino da criação, qual o hino da recriação. E as verdades que dissermos constituirão a canção.

Existem algumas boas perguntas para fazer enquanto a pessoa se decide pela canção, pela verdadeira canção: que aconteceu à voz da minha alma? Quais são os ossos enterrados da minha vida? Como está a minha relação com o Eu instintivo? Quando foi a última vez que corri em liberdade? Como conseguirei que a vida volte a ter uma existência verdadeira? Para onde desapareceu a *La Loba*?

A velha canta sobre os ossos e, conforme vai cantando, os ossos vão-se cobrindo de carne. Nós também «crescemos» à medida que derramamos alma sobre os ossos que encontramos. À medida que derramamos os nossos anseios e os nossos desgostos sobre os ossos do que éramos na nossa juventude, do que costumávamos saber em séculos passados e sobre a pressa que sentimos no futuro, ficamos de quatro, bem firmes. À medida que derramamos alma, renascemos. Não somos mais uma solução diluída, uma coisa frágil, que se dissolve. Não. Estamos agora no estágio do «crescimento», da transformação.

Tal como os ossos secos, começamos, tantas vezes, no deserto. Sentimo-nos privados dos nossos direitos, alienados, de não termos ligação sequer a uma moita de catos. Os antigos chamavam deserto ao local da revelação divina. Mas, para as mulheres, trata-se de algo superior a isso.

Um deserto é um local onde a vida é altamente condensada. As raízes das coisas vivas retêm a última gota de água, e a flor acumula a humidade, mostrando-se apenas ao amanhecer e ao entardecer. A vida no deserto é pequena, mas brilhante, e grande parte do que aí acontece passa-se no interior da terra. Assim é, na vida de muitas mulheres.

O deserto não é tão luxuriante como uma floresta ou uma selva. Nele, as formas de vida são muito intensas e misteriosas. Muitas de nós vivem vidas desérticas: muito pequenas à superfície e enormes no interior. *La Loba* mostra-nos as coisas preciosas que podem surgir dessa espécie de distribuição psíquica.

A psique de uma mulher pode ter aberto caminho para o deserto por ressonância, por crueldades passadas, ou porque não lhe era permitido viver uma vida mais ampla à superfície. Muitas vezes uma mulher

tem então a sensação de que vive num local vazio, onde talvez haja apenas um cato com uma única e brilhante flor vermelha, nada mais em todas as direções, mil quilômetros de nada. No entanto, para a mulher que estiver disposta a correr mil e um quilômetros, haverá algo mais. Uma casa pequena, corajosa. Uma casa velha. Que tem estado ali, à sua espera. Algumas mulheres recusam-se a ficar num deserto psíquico. Odeiam a fragilidade, a austeridade. Vezes sem conta tentam pôr em marcha o seu velho bólido enferrujado, abrindo caminho até à cidade resplandecente e sonhada da psique. Mas logo se decepcionam, ali não é terra de exuberância e de vida selvagem. Estas encontram-se no mundo espiritual, naquele mundo entre mundos, *Río Abajo Río*, o rio sob o rio.

Não se iluda. Volte atrás, encoste-se àquela flor vermelha do cato, olhe em frente, caminhe resolutamente aquele último e doloroso quilómetro. Aproxime-se da velha porta desfeita pelas intempéries. Suba à gruta, rasteje pela janela dos sonhos. Perscrute o deserto e veja o que vai encontrar. É tudo o que *temos* de fazer.

Quer um conselho psicanalítico?

Vá. Junte os ossos.